

LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA POR MEIO DA EDIÇÃO DE DUAS VERSÕES DE MITOS DESANA

Jazilane Pessoa Oliveira Araújo (PIBIC/UNIR/CNPq)

Em 1980 foi publicada, pela Livraria Cultura Editora, a primeira edição da obra *Antes o mundo não existia*, de Luís e Firmiano Lana, dois escritores do povo indígena Desana. Sendo o primeiro livro de autoria indígena no Brasil, marca o início de um fenômeno literário denominado pela pesquisadora Maria Inês de Almeida (coordenadora do Grupo Transdisciplinar Literaterras, da Universidade Federal de Minas Gerais) de *Livros da Floresta* (ALMEIDA & QUEIRÓS, 2004), que se caracteriza por publicações de livros de autores indígenas de diversas etnias. Esse fenômeno (literário) constitui o macro-objeto desta pesquisa, que vai discuti-lo (afunilando-o) a partir dos textos (criativos) de indígenas Desana. Refletir e compreender os alcances da apoderação da escrita e da inserção na cultura do impresso especificamente por parte dos indígenas da etnia Desana, localizados na Bacia do Rio Negro, no Amazonas, é o principal objetivo deste trabalho, que também pretende lançar novos olhares sobre alguns dos conceitos fundamentais da Teoria Literária, quando aplicados à literatura de autoria indígena, além de efetuar uma análise comparativa de obras míticas. Outro objetivo desta pesquisa, ainda em andamento, é a montagem de um banco de dados virtual, acessível a acadêmicos, pesquisadores, professores da educação básica e do ensino superior, com informações a respeito da etnia Desana, contribuindo assim para a aplicação efetiva da Lei 11.645/2008, que inclui o ensino das temáticas afro-brasileiras e indígenas no currículo escolar. Observa-se, então, o caráter duplamente bibliográfico desta investigação, à medida que se baseia em: a) inventariar referências bibliográficas de qualquer natureza, disponíveis em bibliotecas físicas e virtuais de Universidades Federais e Organizações Indigenistas para a montagem do banco de dados virtual; b) efetuar leitura analítica e comparativa de duas obras de autores Desana, a saber: a versão de Luís e Firmiano Lana para os mitos de origem da noite e do roubo das flautas sagradas pelas mulheres, ambos contidos em *Antes o mundo não existia* (1995); e esses mesmos mitos segundo o escritor e artista plástico Feliciano Lana, contidos em *A origem da noite e como as mulheres roubaram as flautas sagradas* (2009). Quanto à montagem do banco de dados, já foram identificadas 71 referências bibliográficas tendo o povo Desana como temática. Destas, 07 são de autoria de indígenas Desana, 02 foram produzidas em co-autoria entre indígenas e não indígenas e 62 são produções de autores não indígenas. Esses números revelam que essa etnia é tratada como objeto do “branco” em muitas publicações, mas também deseja se apropriar do discurso escrito/impresso e se inscrever nos meios editoriais. Isso fica mais evidente ao observar-se que, das produções de autoria e co-autoria indígena, 06 e 01, respectivamente, são livros. Os dados também revelam que os temas mais recorrentes nas publicações de autoria indígena são “Religião e Folclore”, “Mitologia”, “Lendas” e “Índios Desana”, confirmando uma tendência já observada por Almeida (ALMEIDA & QUEIRÓS, 2004): os indígenas escrevem para se apresentarem à sociedade ocidental com suas

próprias palavras. Essa atividade vinha sendo realizada por cientistas, com destaque para os antropólogos (como demonstram os temas mais recorrentes dentre as publicações de autores não indígenas identificadas: “Antropologia” e “Índios Desana”), mas agora as comunidades Desana desejam falar (escrever) por si mesmas. O próximo passo da pesquisa é investigar se escritos escolhidos como *corpus* de análise possuem ou podem vir a possuir valor *literário*. Diversos pesquisadores, como Ruth Finnegan e Mineke Shipper, defendem a existência de um texto com potência literária no campo da tradição oral de comunidades tradicionais. Resta saber se, no caso do povo Desana, a passagem para a página escrita/impressa preservou os caracteres literários das obras. Nesse ponto, os textos criativos ameríndios entram em choque com a tradição literária ocidental: visto que muitas das narrativas indígenas foram coletadas, transcritas e traduzidas por cientistas (antropólogos, etnógrafos, linguistas) que não tinham preocupações estéticas, mas sim de registro e salvaguarda, o resultado do texto final nem sempre conserva o valor estético presente no texto original, que constitui união da palavra à *performance*. É preciso levar em conta que as textualidades indígenas passam por tradução intersemiótica e intercultural e estas devem procurar manter recursos linguísticos expressivos equivalentes, aos do texto de partida, no texto de chegada. Para isso, seria necessário o que Antônio Risério (1992) chamou de “linguagem esteticamente eficaz” e Haroldo de Campos (*apud* RISÉRIO, 1992) chamou “transcrição”. Outra possibilidade para a realização de uma tradução intersemiótica eficiente na manutenção das potencialidades estéticas do texto seria a estetização da estratégia editorial adotada no momento da publicação. O *design* da capa, a disposição dos textos, a presença de imagens, sejam fotografias ou pinturas, já são recursos utilizados por autores indígenas na tentativa de encontrar elementos equiparáveis aos da *performance* oral: um “livro com cara de índio”, como afirma Almeida (ALMEIDA & QUEIRÓS, 2004). E a problemática da literatura de autoria indígena se amplia ao observar-se a questão da autoria. Enquanto a Teoria Literária discute a morte do autor, uma característica recorrente na escrita indígena é a autoria coletiva: o autor individual dá lugar a formas-sujeito, segundo Almeida (ALMEIDA & QUEIRÓS, 2004), que agem como porta-vozes de toda a comunidade. Percebe-se claramente que a tradição literária precisa de ajustes teóricos para comportar também a produção textual de autoria indígena.